

Mario Kaplún: A comunicação educativa por uma sociedade mais democrática¹**Fernanda Coelho²****Universidade Federal de Juiz de Fora**

Resumo: A constituição de uma comunicação mais plural e dialógica é questão imprescindível na busca por uma sociedade mais democrática. O pesquisador argentino Mario Kaplún dedicou sua vida a esse objetivo. Para Kaplún, a comunicação não funciona se não através do diálogo. O pesquisador criticou o modelo de comunicação massiva, comparando-o com o modelo “bancário” de educação. Para ele, comunicação e educação são ciências indissociáveis, e daí, surge o termo educomunicação. Além de teorias que até hoje sedimentam as pesquisas dos que compartilham de seu sonho, Kaplún deixou práticas e teorias de comunicação dialógica. Dentre elas, está o cassete-fórum. Além da comunicação, o papel do comunicador, ou do comunicador educativo também foi tema da reflexão de Kaplún.

Palavras-chave: Comunicação Educativa; Comunicador Educativo; Mario Kaplún; Diálogo; Sociedade Democrática.

Introdução

Democratizar a comunicação significa garantir o acesso de todos e todas à recepção e à emissão de produtos de comunicação. Desde 1960 a Unesco já trata do direito à comunicação. Na década de 70 surge a Ordem Mundial de Comunicação (OMIC), ressaltando que o direito a comunicação seria um direito humano, de liberdade e um avanço democrático. Diante da importância que os meios de comunicação assumem na sociedade nos dias de hoje, a democratização do direito à comunicação torna-se ainda mais premente. Daí a importância de pensarmos na obra de Mario Kaplún.

A opção por escrever um artigo que fale da vida e da obra de Mario Kaplún deve-se à crença de que a partir de suas contribuições, podemos avançar na luta por uma comunicação mais plural e democrática. Partilhamos dos pensamentos de Esmeralda Villegas Uribe sobre o teórico, e, portanto, esperamos

¹ Trabalho apresentado ao DT Comunicação e Educação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do PPGCOM/UFJF, linha Comunicação e Identidade, bolsista FAPEMIG. fernandahauck@yahoo.com.br.

que sua autenticidade, seu compromisso e sua honestidade nos sirvam de bússola nos caminhos da comunicação e da educação. Que sua sabedoria continue acendendo luzes para tornar realidade o sonho partilhado: uma comunicação realmente democrática, que contribua para a construção de um mundo mais justo e mais harmônico para todos (URIBE, 1999, p. 250).

Na luta para a realização de seu sonho, Kaplún refletiu e agiu. Refletiu sobre o papel do (edu) comunicador e criou formas de dar voz aos excluídos do processo de comunicação; como o cassete-fórum e a educomunicação. À frente explanaremos mais sobre o assunto.

Um pouco sobre a vida de Mario Kaplún

O argentino-uruguaio Mario Kaplún nasceu em Buenos Aires em 1923 e faleceu em 10 de novembro de 1998, em Montevideu. Kaplún era maestro por formação e tinha a radiodifusão como uma grande paixão, é o que afirma Uribe (1999).

A pesquisadora conta que, com apenas dezessete anos de idade, Kaplún iniciou no rádio com o programa *El club del libre debate*. Em 1º de setembro de 1942 foi transmitido, na Rádio do Estado e na rede Argentina de Emissoras *Splendid*, seu primeiro roteiro para a chamada *Escuela del Aire*. Tratava-se de um programa sobre a história argentina, que se converteu em experiência pioneira no campo da rádio educativa. “O maestro Kaplún deu notáveis contribuições para os estudos nas áreas da Comunicação e da Educação na América Latina” (URIBE, 1999, p. 249).

Nas décadas de 60 e 70, Kaplún produziu diversos programas radiofônicos caracterizados pelo caráter questionador da situação social e política do Uruguai. Tais produções obtiveram ampla divulgação nas emissoras de rádio educativas, foram muito utilizadas na forma de cassetes-fórums e até ganharam prêmios.

Esmeralda Villegas Uribe afirma que os livros do pesquisador, como *De la educación a la comunicación*, recolhem as preocupações do autor em torno da educação para a comunicação e para os meios e sua fé na construção de uma comunicação dialógica. Como afirma Uribe, a produção bibliográfica de Kaplún foi e continua sendo matéria-prima fundamental para a reflexão e a prática nos campos da comunicação educativa e participativa.

“Comprometido com a causa dos pobres e marginalizados e voltado ao trabalho junto a grupos e organizações de base, fez-se merecedor de um lugar destacado nos

setores populares” (URIBE, 1999, p.250). Tal posicionamento e as duras críticas que Kaplún dispensava à ditadura militar ocasionaram-lhe perseguições políticas.

Kaplún não se limitou ao Uruguai e à Argentina, viajou muito e tornou-se profundo conhecedor da América Latina. Ministrou dezenas de cursos em universidades, centros de comunicação e grupos populares,

semeando no coração e no pensamento de muita gente a opção pela comunicação educativa ou – como preferia dizer nos últimos anos de vida, fiel à sua vocação pedagógica original – pela educação comunicativa. (URIBE, 1999, p.250)

Conforme a autora, Mario Kaplún destacou-se pela sua competência para atuar tanto no âmbito acadêmico quanto no trabalho educativo junto a movimentos sociais. Sobressaía também, continua Uribe, o seu espírito investigativo em constante movimento, aberto a uma revisão contínua de seu próprio pensamento.

No artigo *Kaplún, educador: biografia de um visionário*, Simone Bortoliero (2005) afirma que, na opinião de todos aqueles que conheceram Kaplún, sua aspiração era por uma sociedade humanizada, alicerçada no diálogo, na cooperação solidária e na reafirmação das identidades culturais. “A competência comunicativa dos sujeitos estaria alicerçada numa participação política e social, cujos resultados se traduziriam numa consciência cidadã e que, portanto, o diálogo não se estabeleceria de forma ingênuo” (BORTOLIERO, 2005, p. 83).

Para Bortoliero, ao se falar de Kaplún, algumas idéias são recorrentes: a crítica ao modelo de educação conteudista, o método do Cassete-fórum e o método da leitura crítica. Foi através desses conceitos, que se transformaram em ação junto a grupos populares, que nasceu o termo Educomunicação.

O método do cassete-fórum corresponde a um sistema de comunicação que pode ser considerado realmente participativo, pois oferece canais e mecanismos que permitem aos grupos de base participantes determinar com independência os conteúdos temáticos do programa e gerar suas próprias mensagens. Assim, torna-se possível que os setores populares falem do que eles próprios querem falar.

No artigo *Conceitos de Paulo Freire e de Mario Kaplún para trabalhos em Educomunicação* Cláudia Regina Lahni, Laila Cupertino Hallack, Ludyane Chaves Agostini e Thiago Gabri da Rosa (LAHNI et al, p.6, 2009) afirmam que, no exemplo de uso do método citado por Kaplún, o isolamento a que os integrantes estariam submetidos, devido à distância em que se localizavam, enfraqueceria a organização, na



medida em que desarticulária os membros da base. Segundo os autores, o Cassete-fórum permite que um grupo conheça a realidade da organização e os problemas enfrentados por todos os outros grupos, inclusive os semelhantes aos seus.

O método de Leitura Crítica, voltando a Bortoliero, propõe um receptor ativo e crítico diante dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa. Aí surge o que Kaplún chamou de Educomunicação. Mas, alerta a autora, o exercício da crítica na recepção não é algo fácil de realizar. Ou seja, não basta ter acesso à informação, é preciso ter acesso ao poder de comunicar para, assim, contribuir para capacitar os indivíduos para ler criticamente a mídia.

A autora relata que em um de seus últimos artigos, publicado na Revista *Chasqui* em 1998, Kaplún retoma as teorias de aprendizagem e sua relação com a comunicação. A comunicação aqui vista como componente pedagógico e não como mero instrumental midiático e tecnológico.

Dentre os teóricos que orientam a teoria de Mario Kaplún estão Celestin Freinet e Paulo Freire. Freinet é um teórico francês da década de 20, que critica o modelo de ensino memorístico e mecânico e promove uma pedagogia que valoriza a vida sócio-econômica e cultural do educando. A aprendizagem para o teórico faria parte de uma construção coletiva.

Paulo Freire, como explica Bortoliero, defende um modelo de educação ativa, de transformação social, onde compreende que os educandos não podem ser tratados como unidades receptoras de instrução.

A busca por uma comunicação horizontal e uma sociedade democrática

Falar de Kaplún ao tratar da comunicação é importante por conta do olhar que o autor expôs sob a teoria e a prática dessa ciência. O sentido e a aplicação da comunicação são muito maiores do que o modelo de massa ao qual os países da América Latina são expostos. Kaplún, ao enxergar que a comunicação não procede senão em um diálogo, foi ainda mais fundo e esboçou o que seria uma rede de comunicação, assim como sua eficiência. A comunicação forma e organiza as pessoas. Essa foi sua conclusão ao analisar a importância dessa ciência no âmbito dos movimentos populares. Tal organização e formação são parte do processo de educar.



O pesquisador tratou da comunicação entre os grupos ou movimentos populares, sejam eles situados no meio rural ou urbano. Uma comunicação que acontece com uma frequência que não a física, da qual os movimentos promovem um encontro com uma data e local para discutir questões referentes à matriz e filiais. Como nem todas as pessoas podem comparecer nas reuniões é comum que uma liderança represente o grupo. Ainda assim é um meio exclusivo, pois não dá voz aos outros integrantes. Os recursos tecnológicos, por mais que auxiliem na quebra de fronteiras, constituem equipamentos com um custo muito além do qual os movimentos populares podem bancar, assim como os que atuam nessas organizações.

Com isso, além de pensar na importância da comunicação dos movimentos populares, Kaplún tentou instituir uma comunicação que agisse como um instrumento de todos e todas, que fizesse com que cada integrante fosse representativo ao discutir as questões referentes ao grupo, sejam elas questões locais ou de âmbito nacional. Que servisse, realmente, como um instrumento de organização, já que o diálogo tem o propósito de intensificar essa consciência de coletivo, ou seja, ainda que estivessem tratando de locais diferentes, seriam lugares com realidades próximas.

hoy se empieza a comprender que no habrá desarrollo sin una participación consciente de los sectores populares, en que la que éstos se dinamicen, asuman un papel protagónico y se hagan los creadores de sus propias soluciones. (KAPLÚN, 1984, p.10)

Para Kaplún, a comunicação atua diretamente no desenvolvimento dos movimentos populares, estimulando a integração e sintonia entre os grupais, incentivando a participação de todos os integrantes, fazendo com que estes tenham contato com as idéias das lideranças e a partir dessas idéias formulem seus pensamentos e opiniões.

Porém, o modelo de comunicação que predomina não concede aos movimentos populares essa característica de diálogo plural e constante. O modelo “emissor - receptor”, de acordo com o teórico, soa falso. Não estabelece uma forma de comunicação, apenas transmite uma informação.

La verdadera comunicación no está dada por un emisor que habla y un preceptor-recipiente que escucha, sino por dos seres o comunidades humanas que dialogan (aunque sea a distancia y a través de medios artificiales). (KAPLÚN, 1984, p.14)

Da mesma forma acontece com o modelo educacional. O educador é quem detém a palavra e o conhecimento, a ser dividido e escutado pelos estudantes.

El emisor es el educador que habla frente a un educando que debe escucharlo pasivamente. O es el comunicador que sabe emitiendo su mensaje (su artículo periodístico, su programa de radio, su impreso, su vídeo, etc.) desde su propia visión, con sus propios contenidos, a un lector (u oyente o espectador) que no sabe y al que no se le reconoce otro papel que el de receptor de la información. Su modo de comunicación es, pues, el MONÓLOGO. (KAPLÚN, 1984, p.18)

Esse modelo educacional não é difícil de ser aplicado pelos meios. O trabalho de educar nas escolas, ou seja, essa comunicação pessoal que existe no aprendizado e no cotidiano pode ser agregada pelos veículos de comunicação. Nesse sentido o rádio foi a principal ferramenta de estudo de Kaplún, já que é um veículo ao qual qualquer cidadão e cidadã pode ter acesso e entendimento (só é necessário um sentido, a audição). Grande parte de sua experiência como comunicador-educador foi elaborada no rádio. Esse foi, inclusive, o preceito para a idealização do cassete-fórum (1984) que consistia em estabelecer relações entre a cooperativa central e as de base, com o propósito de trocar soluções que possam ser comuns a mais de um local, ou comunicar problemas que possam ser resolvidos com a ajuda de outros grupos. Para isso, uma fita cassete era utilizada pela matriz de determinado grupo social para armazenar as demandas do movimento. As filiais escutavam e armazenavam suas opiniões e dificuldades. Com isso, o cassete-fórum promovia “la posibilidad de discutir seus problemas comunes y buscarles soluciones entre todos; y la conciencia de integración a la organización que los agrupa” (1984, p.13), além da desmitificação do meio, envolvimento da juventude - que segundo o teórico possibilita a ascensão de novos dirigentes - e incentiva a participação, já que ela acontece de forma direta.

O crescimento e desenvolvimento dos movimentos populares dependem de uma participação consciente, ou seja, de que cada um tome para si o papel de protagonista e, deste modo, crie decisões próprias e evite que estas sejam verticais. Pensando em maior esfera, a educação possui esse mesmo papel na sociedade.

...la educación debe preparar más para enfrentarse a lo imprevisto que para cumplir la norma, (...) se requiere el desarrollo de la aptitud para vincularse con los demás; vale decir, la formación de un sujeto eminentemente social. Y, finalmente, la capacidad para pensar y expresarse. (KAPLÚN, 1984, p. 216)

A função da comunicação para Kaplún vai além de informar. Trata-se de um mecanismo de formação, organização social e de difusão de conhecimento. Características nem sempre atuantes nos meios de comunicação de massa, mas que se enquadram na prática da comunicação comunitária.



Lahni, Hallack, Agostini e Rosa (2008) destacam o relevante papel de Mario Kaplún no desenvolvimento de propostas de comunicação participativa, pois demonstrava, especialmente através do Cassete-Fórum, a importância dessa prática enquanto instrumento de organização popular.

Em sua obra, além da preocupação com a comunicação, em especial na América Latina, Kaplún demonstrou sua preocupação com o papel do (edu)comunicador reiteradas vezes e é sobre isso que trataremos no próximo item.

A comunicação educativa e o papel do comunicador educativo

Kaplún concebe os meios de comunicação como instrumentos para uma educação popular, como alimentadores de um processo educativo transformador. A educação tradicional, para o teórico, é marcada pela diferença de status entre professor e aluno, ou, no caso da comunicação, pela diferença de status entre comunicador e o destinatário, pelo não desenvolvimento da consciência crítica do aluno, e por informar e não formar (o que Paulo Freire chamou de educação bancária). Esta educação tradicional, baseada na transmissão de conhecimento e valores de uma geração a outra, do professor ao aluno, da elite instruída às massas ignorantes corresponde à “engenharia de comportamento” e consiste essencialmente em moldar a conduta das pessoas com objetivos previamente estabelecidos.

Nesse sentido, Kaplún destaca a importância do processo de transformação das pessoas e das comunidades. Não se preocupa tanto com os conteúdos nem com os efeitos no comportamento e sim com a interação dialética entre as pessoas e sua realidade, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e de sua consciência social.

Pensando dessa maneira, podemos distinguir dois tipos de profissionais de comunicação; o comunicador e o comunicador educativo. O comunicador é uma espécie de arquiteto da conduta humana, um praticante da engenharia do comportamento, cuja função é induzir e persuadir a população a adotar determinadas formas de pensar, sentir e atuar, que permitam aumentar sua produção e sua produtividade e elevar seus níveis e hábitos de vida. Já os comunicadores educativos acreditam que a comunicação deve procurar suscitar, estimular os destinatários a interagirem com a mensagem e não apenas a aceitá-la. “Nuestra comunicación debe procurar suscitar, estimular em los

destinatarios e nuestros mensajes una re-creación, una invención” (p.24). Comunicadores educativos devem questionar: Lançamos afirmações ou criamos as condições para uma reflexão pessoal? Nossos meios monologam ou dialogam?

Assim como existe uma educação bancária existe uma comunicação bancária, que é baseada na transmissão de informação. Um emissor que envia sua mensagem a um receptor que recebe. Essa é uma comunicação como monólogo, autoritária e vertical. “El emisor domina, es el dueño, el PROTAGONISTA de la comunicación (KAPLÚN, 1998, p.26)”.

Moldar a conduta das pessoas de acordo com os objetivos previamente estabelecidos, segundo Kaplún, não corresponde ao modelo de educação atual, mas, afirma, podemos percebê-lo em alguns fenômenos sociais como os meios de comunicação massivos, as técnicas publicitárias e a propaganda política. O objetivo deste modelo é que o educando faça.

Sigue habiendo um emisor (E) protagonista, dueño de la comunicación, que envia um mensaje (M) a um receptor (R), el cual, por conseguinte, continua reducido a um papel secundário, subordinado, dependiente; pero ahora aparece una respuesta o reacción del receptor, denominada *retroalimentación* (r) o, em inglês, feedback, la cual es recogida por el emisor (KAPLÚN, 1998, p. 40).

Kaplún defende o modelo pedagógico de Paulo Freire, chamado por ele de educação libertadora ou transformadora. “Ya no se trata, pues, de una educación para informar (y aún menos conformar comportamiento) sino que busca FORMAR a las personas y llevarlas a TRANSFORMAR sua realidad” (p. 49). Nesse processo educativo os homens e mulheres se educam entre si mediatizados pelo mundo. A educação é vista como um processo permanente, em que o sujeito vai descobrindo, elaborando, reinventando, fazendo seu o conhecimento.

Uno processo de acción-reflexión-acción que él hace desde su realidad, desde su experiencia, desde su práctica social, junto con los demás. Y en el que hay también _ pero ya no como el que enseña y dirige, sino para acompañar el otro para estimular ese proceso de análisis y reflexión, para facilitárselo; para aprender junto a él y de él; para construir juntos (KAPLÚN, 1998,p. 50).

O que o sujeito educando necessita, segundo esse modelo, não são apenas dados e informações, mas sim, instrumentos para pensar, para interrelacionar um fato com o outro e tirar consequências e conclusões; para construir uma explicação global, uma cosmovisão.

Lo que importa aquí, más que enseñar cosas y transmitir contenidos, es que el sujeto *aprenda a aprender*; que se haga capaz de razonar por sí mismo, de superar las constataciones meramente empíricas e inmediatas de los hechos que la rodean (consciencia ingenua) y desarrollar su propia capacidad de deducir, de relacionar, de elaborar síntesis (consciencia crítica) (KAPLÚN, 1998, p. 51).

Esse modelo tem como meta favorecer que o educando tome consciência de sua própria dignidade, de seu próprio valor como pessoa; ajudar ao sujeito da classe popular a superar o sentimento de inferioridade, a recompor a sua auto-estima e a recuperar a confiança em suas próprias capacidades criativas. “Y es claramente una educación con un compromiso social: una educación comprometida con los excluidos y se propone contribuir su liberación” (KAPLÚN, 1998, p. 53). O objetivo desse modelo é que o sujeito pense. E que esse pensar o leve a transformar sua realidade.

A palavra comunicação, explica o teórico, pode ser entendida de duas maneiras: 1- ato de informar, de transmitir, de emitir ou 2- diálogo, intercâmbio, reciprocidade. A segunda é mais antiga, mas foi perdendo espaço.

Los hombres y los pueblos de hoy se niegan a seguir siendo receptores pasivos y ejecutores de órdenes. Sienten la necesidad y exigen el derecho de participar, de ser actores, protagonistas en la construcción de la nueva sociedad auténticamente democrática. Así como reclaman justicia, igualdad, el derecho a la salud, el derecho a la educación, etc., reclaman también su derecho a la participación. Y, por tanto, a la comunicación (KAPLÚN, 1998, p. 63).

A Comunicação Social democrática e eficaz deve estar a serviço de um processo educativo transformador, no qual os sujeitos destinatários vão compreendendo criticamente sua realidade e adquirindo instrumento para transformá-la. Tal comunicação dever ser autêntica, tendo como meta o diálogo e a participação. Kaplún afirma que, num real processo de comunicação, o destinatário não deve estar apenas no final do esquema, mas também no princípio: na criação das mensagens.

A comunicação educativa cumpre realmente seu objetivo se mobiliza interiormente a quem recebe a mensagem; se provoca questionamentos; se gera o diálogo e a participação e se alimenta um processo de crescente tomada de consciência.

Empatia, segundo Kaplún, é uma palavra chave em comunicação, a eficácia da comunicação depende da capacidade empática do comunicador. É a capacidade de se colocar na pele do outro, de sentir como ele, de pensar como ele. “Pero si no partimos de la percepción y la vivencia de los destinatarios, siempre tendemos “quemar etapas”, el

diálogo no se da; se corta antes de empezar e nos quedamos siempre unos pocos trabajando y hablando solos” (KAPLÚN, 1998, p. 102).

Segundo ele, não há comunicação possível sem um código comum, sem identidade de códigos. Para comunicarmos eficazmente, afirma, precisamos conhecer o código de nossos destinatários e transmitir nossa mensagem através desse código. Portanto, os comunicadores devem refletir sobre o código utilizado a fim de torná-lo mais claro e de fácil compreensão.

Un mensaje de comunicación educativa debería ser siempre de alguna manera, explícita ou implícitamente, un diálogo con el destinatario en que éste se reconoce, interviene, participa, va haciéndose lás preguntas que cada nuevo elemento le suscita y lo llevan a dar junto con el comunicador el paso iguiente; nunca por el contrario, una serie de afirmaciones, una sucesión de informaciones y conclusiones ya previamente procesadas, comprobadas y “masticadas” por su autor. Codificar en esta concepción es, sobre todo, ir dando estímulos, elementos para que el destinatario vya procesándolos por sí mismo y haga su propio camino de razonamiento (KAPLÚN, 1998, p. 131).

Na educação e na comunicação, a aquisição de novos conhecimentos se dá por associação de experiências. É necessário que entre o emissor e o destinatário haja uma identidade de códigos experienciais. Sem experiência comum não há comunicação. Temos um código ideológico na sociedade:

La escuela, los médio de difusión masiva en fin, todo ese conjunto que se ha dado llamar “el aparato ideologico” tienden a fomentar en la población – e incluso en los sectores populares, que so inmunes a su influencia – una actitud acrítica; a reforzar y consolidar una serie de “valores” y de pautas de comportamiento. Nuestro mensaje presupone otros valores y propone otras pautas; y, en consecuencia, entra en colisión con aquellos que, por la influencia ambiental masiva, muchos de nuestros destinatarios se han acostumbrado a dar por válidos (KAPLÚN, 1998, p. 139).

O comunicador educativo assume a comunicação popular como um diálogo e busca, através de suas mensagens, estimular esse diálogo e que os setores populares comecem a falar eles mesmos, a dizer sua própria palavra.

En todo proceso de comunicación educativa adquiere importancia decisiva ese momento en que los participantes quiebran su dilatada “cultura del silencio” y comienzan a recuperar la palabra. Sin esa instancia a la que dejan de ser meros receptores pasivos y callados y pasan a convertirse a su vez en *emisores*, no habrá un real proceso en ellos (KAPLÚN, 1998, p. 142).

Os educomunicadores ou comunicadores educativos, conforme Kaplún, devem ser muito críticos com suas próprias mensagens, devem revisar sua escala de valores que são implicitamente transmitidos e buscar coerência nos pensamentos e nos signos

usados. “Si pretendemos formar consciencia crítica en nuestros destinatarios, lo primero es tenerla nosotros. Si aspiramos a problematizarlos, debemos empezar por problematizarnos y cuestionarnos a nosotros mismos” (KAPLÚN, 1998, p.159).

Para o educador, a comunicação está a serviço da verdade, posto que está a serviço dos cidadãos. “Ponerse del lado de la ciudadanía y de sus luchas y defender sus intereses nunca puede ser manipular” (KAPLÚN, 1998, p. 170).

Educomunicação

A proposta da educomunicação, embora já utilizada por Mario Kaplún, apenas recentemente vem ganhando notoriedade. Para Kaplún a educomunicação, termo cunhado nos anos 70, pode ser entendida como a Leitura Crítica dos Meios. Segundo o teórico, o sentido e a aplicação da comunicação é muito maior do que o modelo de massa ao qual os países da América Latina são expostos. Kaplún, ao enxergar que a comunicação não procede senão em um diálogo, foi ainda mais fundo e esboçou o que seria uma rede de comunicação, assim como sua eficiência.

Conforme o pesquisador, a comunicação tem o papel de formar e organizar as pessoas. Tal organização e formação são parte do processo de educar. Desse modo, ao longo de sua trajetória como teórico e defensor da educomunicação, Kaplún percebeu a intensa ligação entre essas duas ciências (educação e comunicação), que são interdisciplinares e indissociáveis.

Este texto aspira a convertirse en un instrumento de trabajo de aquellos comunicadores y estudiantes animados por una inquietud educativa; de quienes ven la Comunicación no sólo como una profesión y un medio de vida sino como algo más: como un servicio a la sociedad. Una práctica profesional así entendida no sólo requiere conocer y dominar los recursos mediáticos; necesita sustentarse en una pedagogía comunicacional. (KAPLÚN, 1998, p.6)

O teórico critica o modelo de comunicação predominante. Modelo esse que não concede aos movimentos populares a característica de diálogo plural e constante. O modelo “emissor - receptor”, de acordo com o pesquisador, soa falso. Não estabelece uma forma de comunicação, apenas transmite uma informação. “La verdadera comunicación no está dada por un emisor que habla y un receptor-recipiente que escucha, sino por dos seres o comunidades humanas que dialogan (aunque sea a distancia y a través de medios artificiales)” (KAPLÚN, 1984, p.14).

O mesmo acontece com o modelo educacional tradicional. O educador é quem detém a palavra e o conhecimento, a ser dividido e escutado pelos estudantes. É o que Paulo Freire (1977), no seu livro *Pedagogia do Oprimido*, chamou de educação bancária. “Na educação bancária, o aluno é o banco onde o mestre deposita o seu saber que vai render largos juros, em favor da ordem social que o professor representa. Esta educação é um dos aspectos, e fundamental, da sociedade” (FREIRE, 1977, p.16). Quanto a esse modelo de educação Paulo Freire foi enfático:

Há que erradicá-la da face da terra, o mais rápido possível. Nesta educação vertical, hierárquica, autoritária, tudo se processa para imposição de um saber, pois que o professor sabe tudo e o aluno nada sabe e assim aceita, sem pestanejar, as normas que o Poder impõe. Procura-se, deste modo, desacreditar, extinguir, nos jovens, o espírito crítico, de liberdade e de responsabilidade e até a consciência da cultura e da identidade nacionais. (FREIRE, 1977, p.17)

No livro *Educomunicação e Mídias*, Rossana Viana Gaia (2001) cita Paulo Freire, autor que tornou sua prática pedagógica um ato político e destacou, reiteradas vezes, que a prática de ensinar deve ser sobretudo uma comunicação, um diálogo. Para Freire, a prática de ensinar não deve ser considerada transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

De acordo com o *site* do educom.rádio do NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da ECA/USP, a Educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos mecanismos de comunicação, observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com os alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

O NCE define a educomunicação como um campo de ação e de intervenção social em espaços educativos que objetiva criar e manter ecossistemas comunicativos abertos e democráticos, facilitadores do pleno exercício das mediações existentes entre a comunicação, a educação e a cultura. A meta da educomunicação, ainda segundo o NCE, é ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas e estar presente nos mais diversos setores da sociedade, incluindo o mundo do trabalho, a mídia, a escola, os centros culturais e as organizações não-governamentais.

Para Rossana Viana Gaia (2001), a mídia-educação, ou educomunicação, tem como meta educar criticamente para a leitura dos meios de comunicação. A autora

destaca a importância de propor um exercício em que alunos e professores devem aprender a prolongar por toda a vida o desejo de manter-se informado, de aprender permanentemente, mas também de informar a outros, repassar informações e construir conhecimento. Para Gaia, a reflexão permanente sobre o que é veiculado na mídia pode servir também para definir uma nova relação entre leitores, ouvintes, espectadores, internautas e empresas jornalísticas. Barbero e Rey (2001), em *Os Exercícios do Ver*, também destacam a relevância de uma educação para a mídia. Segundo eles, é grande a importância da inserção da educação nos processos complexos de comunicação na sociedade atual.

Na página do Educom.rádio na internet, o professor Ismar de Oliveira Soares, supervisor geral do projeto, aponta que os objetivos principais da educomunicação são promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; identificar como o mundo é editado nos meios; facilitar o processo ensino-aprendizado através do uso criativo dos meios de comunicação; promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa. Para tal, o projeto utiliza o rádio que, de acordo com Soares, atua tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade.

Para Ismar de Oliveira Soares, a única solução possível é trazer a mídia para a escola, tornando-a um articulador do discurso e desenvolvendo nos alunos a capacidade de fazer a leitura crítica dos meios. Iniciativas que visem essa meta são de imensa importância para a cidadania das pessoas que nelas se envolvem e que podem experimentar o direito a comunicar-se efetivamente, recebendo e produzindo informações.

A pesquisadora Cicilia Peruzzo (2006) aponta que o direito a comunicar-se através dos meios tecnológicos que a humanidade desenvolveu e colocou a serviço de todos é um dos aspectos fundamentais da cidadania. Em palestra proferida por Peruzzo, *Direito à Comunicação*, realizada no 4º Encontro Regional de Comunicação, em Juiz de Fora, Minas Gerais, a pesquisadora fez um breve histórico sobre a evolução da do direito a comunicação e sua relação com a comunicação comunitária mundial.

A palestrante destacou que desde 1960 a Unesco, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, já trata do direito à comunicação. Mais



de 40 anos se passaram e a comunicação continua sendo um direito pelo qual o cidadão comum precisa lutar.

Segundo a pesquisadora, a comunicação é um direito fundamental para a cidadania de qualquer indivíduo e tem aplicação ainda mais relevante na construção da identidade e na conscientização política da juventude.

Considerações finais:

Esperamos que o pensamento de Mario Kaplún, através de sua extensa obra e dos trabalhos baseados em seu legado, possa contribuir para a luta por uma comunicação dialógica que acreditamos ser indispensável para alcançarmos uma sociedade democrática. Pensamos que o caminho traçado por Kaplún, aliando a teoria à prática junto aos movimentos populares, deve servir de inspiração a outros pesquisadores. Kaplún, ao destacar que a comunicação não funciona se não através do diálogo, considerou imprescindível a reflexão sobre o papel do comunicador. O comunicador deve optar por impor a comunicação ou por construí-la junto aos indivíduos. O comunicador que enxerga a comunicação como um diálogo e atua para que assim ela se dê, é chamado por Kaplún de comunicador educativo ou educomunicador.

Uma das maiores contribuições deixadas por Kaplún é a educomunicação. A *Leitura Crítica dos Meios* contribui para deslocar o indivíduo do papel de receptor para emissor de informações que, assim, além de compreender melhor o que a mídia divulga, ele/a passa a refletir sobre a construção do conhecimento e não apenas a recebê-lo.

Referências bibliográficas

BORTOLIERO, S. T. . Mário Kaplun: biografia de um visionário. **Comunicação & Sociedade**, v. 22, p. 11-18, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação e Mídias**. Maceió: EDUFAL, 2001.

KAPLÚN, Mario. **Comunicación entre grupos** – El método de cassette-foro. Bogotá: Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.

_____. **Una pedagogía de la comunicación**. Madri: Ediciones de la Torre, 1998.

LAHNI, et al. Conceitos de Paulo Freire e Mário Kaplún para trabalhos em educomunicação, 2008. In: V Encontro Regional de Comunicação, 2008, Juiz de Fora. **Anais ...** Juiz de Fora: 2008.

LIMA, Venício A. de. Direito à Comunicação: Agenda impreterível para o novo governo. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em: 12 abril, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. REY, Gérman. **Os Exercícios do Ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Mídia Comunitária, Liberdade de Comunicação e Desenvolvimento. In: INTERCOM, 2002, São Paulo. **Anais...**São Paulo:2002, .p. 40-54.

_____. Comunicação como Direito. In: IV Encontro Regional de Comunicação, 2006, Juiz de Fora. **Palestra**. Juiz de Fora: 2006.

URIBE, Esmeralda Villegas. Mario Kaplún: uma luz que continua acesa. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo, 1999. n° 31, ISSN 01012657.

Internet

www.usp.br/educomradio/cafe/cafe.asp?editoria=TPROF&cod=546. Acesso em 12 de maio de 2008.

<http://www.pol.org.br/Noticias/materia.cfm?id=514&materia=808>. Acesso em 20 de maio de 2008.

<http://www.fndc.org.br/>. Acesso em 20 de maio de 2008.

